

Homoafetividade e Gênero retratados em *Duas Iguais*

Homoaffectividad y Género retratados en Duas Iguais

¹Emili Leite Peruzzo; ¹Dr. Moacir Camargos

¹emili.peruzzo@hotmail.com, Universidade Federal do Pampa;

²lopesdecamargos@gmail.com, Universidade Federal do Pampa.

Resumo

Este trabalho analisará como pode ser notada, de forma crítica, a homoafetividade e a problemática de gênero no romance *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich. Partindo de uma visão histórica do feminino na sociedade, avaliar-se-á como se dá a construção da mulher e da lésbica dentro do romance e como isso pode influenciar na leitura e compreensão do texto.

Palavras-Chave: Homoafetividade, Lesbianidade, Duas Iguais, Gênero.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de estudos bibliográficos, como se dá a representação homoafetiva e de gênero em *Duas Iguais* e quais as implicações dessa representação no sentido da obra.

2. Fundamentação teórica

Para que se atingissem os objetivos do trabalho, primeiramente se deu a leitura atenta da obra *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich. Após, dividiu-se a análise nos três assuntos subsequentes, sendo que o primeiro trata da visão da sociedade brasileira sobre o feminino e, conseqüentemente, na literatura; o segundo sobre a lesbianidade, e o terceiro sobre como o feminino e a lesbianidade são abordados dentro do romance.

2.1. Feminino e literatura

Pode-se tomar como sabido que as mulheres ocuparam, por muito tempo, o status de objeto na sociedade ocidental. A partir do século XIX, com a criação dos movimentos feministas, essa visão começou a se modificar, porém ainda não chegando à equidade entre todas as pessoas. Assim como as mulheres, existem outros tipos de pessoas oprimidas, que podem ser chamadas de *subalternas*, pois fazem parte das “camadas mais baixas da sociedade. Este sujeitos são constituídos pelos modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK apud ALMEIDA in SPIVAK, 2010, p.12). Isso quer dizer que as pessoas oprimidas necessitam de um tipo específico de representatividade, que não pode e não deve ser realizado por outros senão elas mesmas.

Essa representação exige uma linguagem própria na qual termos são (re)significados e (re)inventados. Sendo assim, até mesmo o termo “mulher” “não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2014, p. 18). O resultado disso, percebe-se, é a criação e conseqüente ampliação do espaço feminino na sociedade como um todo.

Tal mudança influenciou não só a sociedade, mas também a escrita. Na literatura escrita por homens até o início da mudança acima citada, se percebia a ausência de personagens femininas fortes e a predominância de mulheres cujo objetivo de vida era casar. Depois, iniciou-se o processo de escrita feminina e, como conseqüência disto, também o

aparecimento de personagens que contestavam o modelo de mulher vigente (mulheres puras, sexual e afetivamente atraídas por homens e com vocação para serem donas de casa).

2.2. Lesbianidade

A mudança que se deu nas personagens femininas baseou-se em uma mudança ocorrida na sociedade. Se hoje existem mulheres que se dizem livres, no passado houve as que sofreram retaliações pelo mesmo motivo. Essas eram classificadas como “abjetas” visto que não se encaixavam na norma padrão da polarização de gênero, sexualidade, etc. (MIKOLCI, 2010, p.6). Por isso seria correto dizer que “a existência lesbiana por si só é um desafio e uma ameaça ao contrato heterossexual e à apropriação social individual das mulheres, já que anuncia a rejeição de um modo de vida compulsório” (SWAIN, 2004, p. 158). Porém, ainda são visíveis as convenções heterossexistas em contextos homossexuais, bem como sua proliferação. É o caso da *butch* e da *femme*, que representariam o papel masculino e feminino, respectivamente, nos relacionamentos lésbicos.

Além disso, há a pressão da sociedade para que as lésbicas sejam mais femininas, talvez para mostrar que a lésbica não gosta de mulheres por falta de interesse masculino e também para satisfazer homens que desejam “participar” do romance lésbico, presumindo que toda a lésbica seria, no fundo, bissexual. Segundo Facco (2004, p. 79), “no começo dos anos 90 a mídia nova-iorquina lançou o *light lesbian chic* para designar as *lipstick lesbians* – lésbicas de batom – uma maneira de tornar as lésbicas mais palatáveis ao gosto da sociedade heteropatriarcal”, o que reforça esse padrão.

2.3. Apresentação da obra

Ana e Clara se conheceram quando Ana foi estudar em uma escola judaica da qual Clara fazia parte. Ao se tornarem amigas próximas, se apaixonaram e viveram seu amor adolescente, até o momento em que seus pais e amigos começaram a julgá-las, fazendo, assim, com que se afastassem. Depois disso, Ana se mudou para o exterior e Clara ficou em Porto Alegre, estudou jornalismo e começou a trabalhar, sem nunca mais sentir por ninguém o que havia sentido por Ana. Após a morte de seu pai, com quem era muito apegada, Clara passa a ter um papel mais central dentro de sua família e casa-se com Vítor, jovem arquiteto por quem sente muito carinho e amizade, mas nunca amor. Em seu trabalho como jornalista conhece Natália, por quem se apaixona sem se dar conta, mas acaba por reprimir tal sentimento. Quando Ana retorna ao Brasil para uma visita, as moças têm um encontro marcante, o que faz com que Clara traia o marido. Depois, separam-se novamente até o retorno de Ana para o Brasil, que, por estar gravemente doente, traz mudanças significativas à vida de Clara. Então, ela deixa Vítor e decide passar os últimos momentos ao lado de Ana.

2.4. Resultados

Sendo assim, é possível fazer inúmeras afirmações sobre como os conceitos até aqui apresentados influenciam a obra. É possível dizer que a questão levantada por uma colega sobre quem era o homem da relação entre Clara e Ana reforça a visão estereotipada de que relacionamentos homoafetivos são guiados por convenções heterossexistas, em que espera-se que um(a) dos(as) envolvidos(as) represente o papel de mulher e o(a) outro(a) represente o papel de homem. A maneira “sacralizada e religiosa” (LEAL, 2004, p.174) com que Clara se

refere a Ana pode ser vista como uma transferência de fé, já que Clara deixa de se identificar com uma religião que não reconhece sua sexualidade como legítima, transgredindo alguns dogmas judaicos.

Com isso também seria possível dizer que o casamento de Clara com Vítor é enfatizado no romance para que fique bem visível que lésbicas não “deixam de gostar de homens”, mas sim sempre gostaram de mulheres, podendo algumas vezes casarem-se com homens para manter seus lugares de sujeito, visto que ao se assumir lésbica pode-se correr o risco de perder o reconhecimento social. Para Butler

Não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada. O “impensável” está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura dominante. (2014, p.117).

Clara, pressionada socialmente pelo reconhecimento, se casa, mesmo sem sentir o mesmo tipo de amor ou atração que sentia por Ana.

3. Conclusões

Este trabalho não pretende, de forma alguma, influenciar a possível leitura de interessadas(os) na obra. O que se espera aqui, na verdade, é identificar e apontar de forma consciente como se dá a representação do gênero feminino em particular, e não como uma oposição ao gênero masculino, e da lesbianidade como uma das variantes de sexualidade naturais dentro do romance. Está claro que o texto está permeado por alusões à norma e à quebra da norma como formador de identidade. Limita-se aqui, é claro, pela bibliografia consultada, que pode ser melhor aprofundada em leituras e trabalhos futuros.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: GLS, 2004.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Amores, distâncias e perdas na obra de Cíntia Moscovich. In LOPES, Denilson. *Imagem & diversidade sexual - estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa edições, 2004. P 173-178.

MOSCOVICH, Cíntia. **Duas iguais: manual de amores e equívocos assemelhados**. Porto Alegre: Record, 2004.

SALIH, Sara. *Judih Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SWAIN, Tânia Navarro. **O normal e o “abjeto”**: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. In LOPES, Denilson. Imagem & diversidade sexual - estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa edições, 2004. P 155-161.